

'O Céu da Língua' volta em curtíssima temporada

PÁGINA 3



The Wailers chega ao Rio com seu reggae raiz

PÁGINA 5



A hora e a vez da mortadela nas mesas cariocas

PÁGINA 16



#cm
2

FIM DE SEMANA

A ribalta o que é do povo

No auge da consagração mundial de 'O Agente Secreto', Wagner Moura leva uma versão de clássico de Henrik Ibsen aos palcos, sob a direção de Christiane Jatahy

Por **RODRIGO FONSECA**
Especial para o Correio da Manhã

Sete horas em ponto desta noite, Wagner Moura estará no palco do Teatro II do CCBB-RJ, batendo cabeça para o norueguês Henrik Ibsen (1828–1906), numa revisão livre de seu legado dramático, batizada de “Um Julgamento”. A dramaturgia é assinada pelo astro de “Narcos” ao lado da encenadora Christiane Jatahy e do roteirista Lucas Paraizo.

Muitas pautas políticas que esse baiano egresso da cidade de Rodelas depura no cinema e no streaming estarão a seu lado em cena. Dias antes de ganhar o prêmio de Melhor Ator no 78º Festival de Cannes, por seu desempenho em “O Agente Secreto”, Wagner falou ao Correio da Manhã sobre a essência democrática por trás do uso da palavra “povo” na arte, uma palavra essencial ao pensamento ibseniano. “A partir do pós-guerra, a representação realista da classe trabalhadora ganhou contornos anticapitalistas, do neorrealismo italiano a Mike Leigh, associada ao fato de que instituições públicas que deveriam ser um espaço de saber acessíveis a todos são atacadas por pensarem a condição dos pobres, sobretudo nos governos de ultradireita”, explicou o astro na ocasião. Essas ideias se afinam um bocado com as de seu personagem, o médico e cientista Thomas Stockmann, na peça que marca o retorno do ator aos palcos após 16 anos. Continua na página seguinte



Esse projeto vem de uma sinergia de dois anos entre a estrela de “Tropa de Elite” (Urso de Ouro de 2008) e Christiane Jatahy, diretora de sucessos como “Corte Seco” (2009) e “A Falta Que Nos Move” (2009). Em busca de um projeto em que afinassem as visões sobre o real – e sobre as representações dele –, os dois chegaram a “Um Inimigo do Povo”, que Henrik Ibsen encenou pela primeira vez em 1882.

A peça original narra os contratempos do Dr. Thomas Stockmann após a descoberta de que as águas do balneário termal de sua cidade estão contaminadas. Ao tentar alertar as autoridades para proteger a população e os turistas, ele vê suas intenções fracassarem e acaba condenado como um detrator público, acusado de querer prejudicar economicamente a cidade e de ignorar a vontade da maioria.

O que o Centro Cultural Banco Brasil acolhe agora nasce dessa premissa, mas com vida própria. “Não é uma adaptação da peça, é realmente um novo texto, em que as questões que são tratadas no original do Ibsen, e os seus personagens, são trazidos para o Agora, e o Thomas Stockmann de antes pede uma possibilidade de fala e de defesa, para sua ética e para as suas ideias, por meio da sua denúncia”, explica Jatahy, que, no trabalho com Wagner e Paraizo (autor das séries “Os Outros” e “Sob Pressão”), assumiu o nome “Um Julgamento – Depois do Inimigo do Povo” como seu título oficial.

Centelhas do pensamento de Ibsen ficaram em “Um Julgamento”, sobretudo pela pertinência, pela permanência e pela atualidade das reflexões do dramaturgo escandinavo, ao tratar de fake news, avanços da ciência, ecologia e até do cancelamento — levantando o dilema entre o imperativo moral e o capitalismo. Jatahy propôs criar um texto original que começasse alguns anos depois de onde a narrativa de Ibsen termina, abordando, portanto, o momento no qual Thomas Stockmann seria julgado, para que se decida se ele é ou não “Um Inimigo do Povo”. O resultado dessa pesquisa narrativa nasceu no início do mês no CCBB de Salvador, onde ficou de 3 a 12 de outubro. No Rio, a temporada segue até 3 de novembro, com gente se estapeando por ingressos. Já houve polêmica pelo fato de as entradas esgotarem num piscar de olhos.

“Nossa peça faz fronteira com as questões não só do Brasil, mas do mundo todo dos dias de hoje, ao mostrar que a verdade deixou de se ater sobre fatos”, diz Jatahy. “O personagem do Thomas tenta falar a verdade. Mas ele vai sendo manipulado a um ponto que sua verdade vai sendo negada, nesse mundo em

Montagem não é uma adaptação, mas um novo texto que **recontextualiza a obra de Ibsen**

Caio Lício/Divulgação



Wagner Moura parte do texto original do norueguês Henrik Ibsen para recriar o caso em torno de Thomas Stockmann em um novo julgamento

que só existem versões. Um mundo em que a gente já não consegue mais pensar sobre os fatos. Isso, inclusive, bate na importância do jornalismo hoje como portador da factualidade, porque a verdade acabou - como se ouve no início da primeira frase que o Wagner fala na peça”.

No ano de 2025, o protagonista de Ibsen busca por reparação. Stockmann quer recuperar sua dignidade e, diante de um júri formado pelo público, submete-se a um novo veredito. Ao lado de sua filha Petra Stockmann (vivida por Julia Bernat, parceira recorrente de Jatahy), ele pede uma retratação pública e uma nova chance de se defender. O espetáculo tem como acusação o irmão do protagonista, Peter Stockmann, vivido por Danilo Grangheia. Ex-prefeito da cidade, ele é o representante das autoridades locais. O que se inicia como corte, transforma-se em

uma disputa familiar, revelando os conflitos por trás da rivalidade entre os irmãos.

“A gente lida com a importância da defesa do meio ambiente, das questões sanitárias, mesmo que isso tenha custos econômicos, que tenham que ser geridos e absorvidos pelo Estado. Essa discussão é um debate central também da peça do Ibsen. Uma coisa de que também tratamos é a forma como o fascismo vai se apropriando das questões da democracia, para chegar ao poder... ou para permanecer nele”, diz Jatahy.

“Thomas Stoker simboliza alguém do Brasil de hoje quando a gente não abre mão de defender a ética, de defender as nossas posições. Acho que é muito bonito como o Wagner traz isso, como cola nisso mesmo. Wagner defende as suas ideias e a sua posição de uma forma muito coerente e íntegra, e sinto que o Thomas Stockmann, de alguma ma-

neira, também traz isso na sua essência como personagem. Neste momento, em que tudo são aparências, as pessoas muitas vezes não se colocam na defesa de questões que são pelo bem coletivo. Mesmo com toda a sua explosão, Stockmann é uma figura importante na representação de alguém que defende as suas ideias a todo custo”, explica Jatahy.

Ela explica que a base da montagem – com cenografia e iluminação de Thomas Walgrave e figurinos de Marina Franco – é um tribunal funcional, um tribunal que não tem advogados nem juízes.

“Os próprios personagens defendem as suas ideias. O audiovisual... o cinema... entra de uma forma muito dramática, como sempre nos meus trabalhos. Nesse caso, ele é ainda muito mais preciso na sua presença, porque ele vem como se fossem as provas do caso”, explica a encenadora.

Annelize Tozetto/Festival de Curitiba

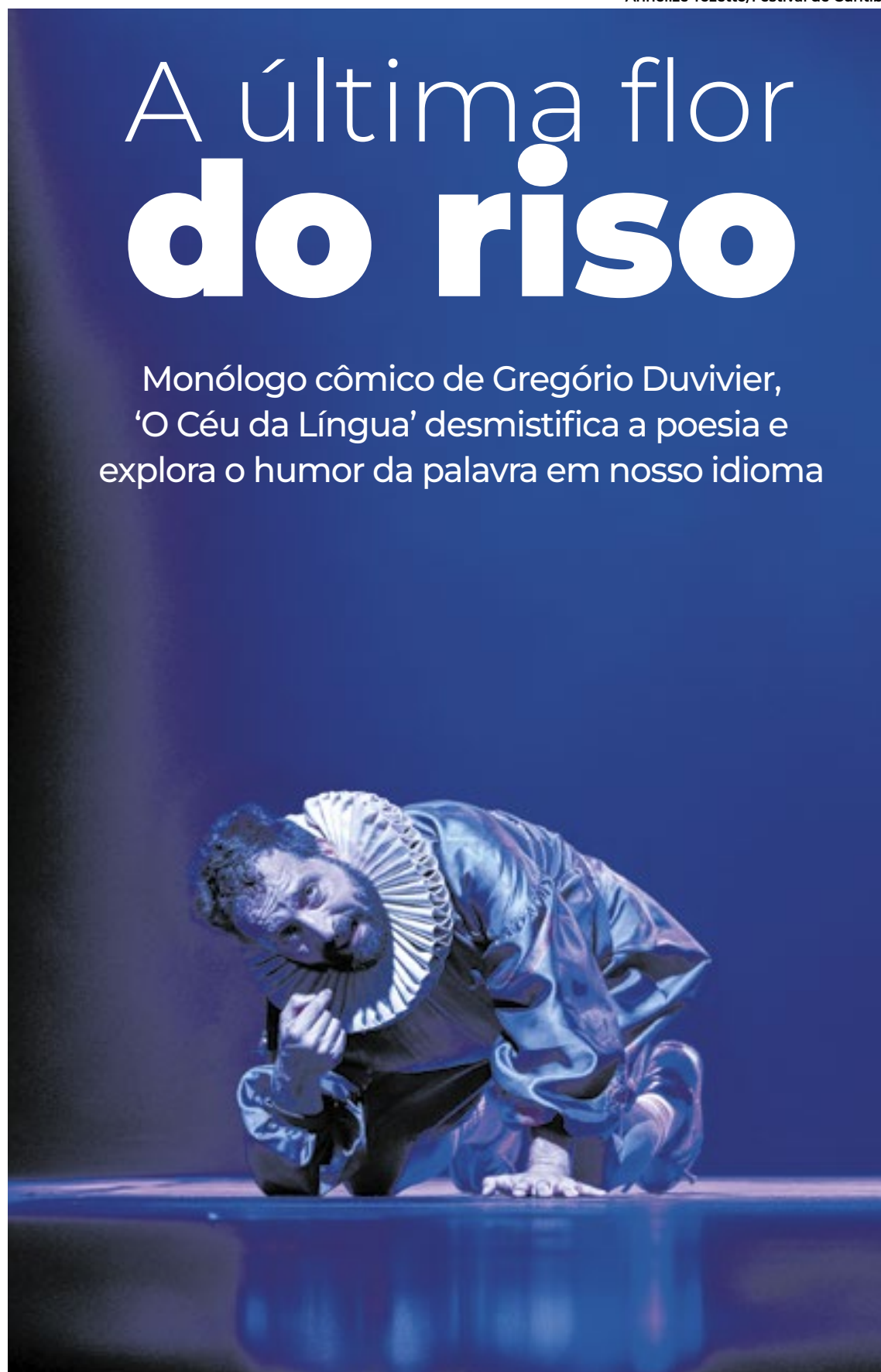
Por Affonso Nunes

A língua portuguesa não é apenas meio de comunicação para Gregório Duvivier – é território de obsessão criativa, fonte inesgotável de descobertas e, sobretudo, matéria-prima para o riso. Formado em Letras pela PUC-Rio e autor de três livros sobre poesia, o ator e humorista transformou essa paixão pelo idioma em espetáculo teatral que retorna ao Rio em curtíssima temporada, de sexta a segunda (24 a 27), no Teatro Riachuelo, integrando a programação do I Festival de Teatro do Rio.

“O Céu da Língua” percorreu dezenas de cidades no Brasil e em Portugal, atraindo mais de 60 mil espectadores em uma turnê que comprovou o apetite do público por um humor que não subestima a inteligência da plateia. Em cena, Gregório celebra a língua como matriz fundadora, aquilo que nos constitui como povo e como humanidade. Como observa o próprio ator, “no princípio era o Verbo – e logo em seguida vieram os erros de concordância”.

O monólogo transita entre o stand-up comedy e a reflexão intelectual, bem ao gosto de Duvivier, levando o público a uma jornada pela presença muitas vezes invisível da poesia no cotidiano. O ator parte de uma constatação aparentemente paradoxal: a poesia é frequentemente motivo de chacota, vista como algo hermético e distante da vida comum. “A poesia é uma fonte de humor involuntário, motivo de chacota”, reconhece o ator. “Escrevi uma peça que pode ajudar alguém a enxergar melhor o que os poetas querem dizer e, para isso, a gente precisa trocar os óculos de leitura.”

Essa troca de óculos, defende ele, revela como a linguagem poética permeia nosso dia a dia sem que percebamos. Expressões como “batata da perna”, “céu da boca” ou “pisando em ovos” são metáforas que utilizamos automaticamente, pequenos voos poéticos incorporados ao vocabulário corrente. O espetáculo explora desde as reformas ortográficas e a ressurreição



A última flor do riso

Monólogo cômico de Gregório Duvivier, ‘O Céu da Língua’ desmistifica a poesia e explora o humor da palavra em nosso idioma

de palavras esquecidas até o humor extraído de termos que geram sensações estranhas, construindo uma dramaturgia que a diretora Luciana Paes define como “stand-up comedy pegadinha”.

“Acredito que o Gregório tem ideias para jogar no mundo e, com essa crença, a coisa me move inde-

pendentemente de qualquer rótulo”, afirma a diretora, que também é uma das fundadoras da Cia. Hiato. Para ela, o espetáculo funciona justamente porque coloca em cena tanto o Gregório simpático e engraçado quanto o intelectual com seu fluxo de pensamento ininterrupto. “Ele, graças aos seus recursos

de ator, pega o público distraído e ninguém resiste quando é surpreendido por alguém apaixonado”, aposta Luciana.

A montagem conta ainda com cenografia de Dina Salem Levy e ambientação musical de Pedro Aune, que utiliza o contrabaixo para criar atmosfera sonora

que complementa a arrebatadora atuação de Gregório. Theodora Duvivier, irmã do comediante, assina a criação visual e as projeções exibidas em cena.

Entre as homenagens que pontuam o texto, destacam-se os grandes letristas da música brasileira, como Orestes Barbosa e Caetano Veloso, cujas canções “Chão de Estrelas” e “Livros” são citadas como exemplos de poesia que alcançou as massas. “Os nossos compositores conseguiram realizar o sonho de Oswald de Andrade de levar poesia para as massas”, comenta o ator.

A relação com Portugal, país que emprestou ao Brasil sua língua, também ocupa lugar central no espetáculo. Além de Fernando Pessoa, Duvivier evoca o poeta Eugênio de Andrade e revela que a origem de “O Céu da Língua” está diretamente relacionada ao espetáculo “Um Português e Um Brasileiro Entram no Bar”, divertido intercâmbio linguístico que colocou no mesmo palco Gregório e o humorista luso Ricardo Araújo Pereira em improvisações sobre o idioma compartilhado. “Ele é um cara apaixonado pela palavra, então, a gente entrava em cena e falava, emendava um assunto no outro e, quando acabava a peça, ainda tinha muito a dizer”, lembra Gregório.

Araújo Pereira integra o Gato Fedorento, quarteto formado em 2003 por humoristas portugueses que se tornou uma das maiores inspirações de Duvivier, inclusive para a criação do coletivo Porta dos Fundos. “Temos uma reparação a fazer porque o Brasil recolonizou Portugal, e eles consomem muito mais a cultura brasileira que a deles”, avalia Gregório. “Por isso, esse intercâmbio deve ser mais explorado porque existem coisas geniais que não conhecemos.”

SERVIÇO

O CÉU DA LÍNGUA

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38)

De 24 a 27/10, sexta (19h e 21h30), sábado (16h e 19h), domingo (16h e 18h30) e segunda (19h e 21h30)

CRÍTICA / TEATRO / TARDE

Por Cláudio Handrey

Especial para o Correio da Manhã

Num encontro dilacerado, o entregador Celso e o doutor Joel estabelecem um embate entristecido, expondo suas aflições. De classes sociais distintas, as personagens mergulham em suas dores insondáveis, pelas quais somos fígados até o fim do espetáculo. O texto de João Cícero Bezerra, artesão de ideias instigantes, denota extrema sensibilidade e refinamento, em detrimento de narrativas levianas, que por muitas vezes assolam os nossos palcos. A peça aborda temas como xenofobia, dependência química, solidão, luta de classes, instabilidade financeira, na cidade de Niterói, em que localidades verdadeiras são citadas, apesar da ficcionalidade da obra. Numa relação entre um migrante venezuelano e um médico brasileiro, o dramaturgo desvela discussões geopolíticas, culminando em desigualdades, que atornentam os espíritos. O escritor investiga o sistema público de saúde e condições trabalhistas, que transformam seres humanos em ratos.

A direção, do próprio autor, costura a cena com delicadeza, utilizando com bom senso o pequeno espaço que tem nas mãos,

Anseios paradoxais



Divulgação

Celso (Carlos Marinho) é um imigrante venezuelano que faz entregas em Niterói

além de afinar bem os instrumentos que seus ótimos atores possuem.

Na busca incessante e desumana de ganhar a vida, Celso atravessa a cidade se martirizando para obter verba a fim de zelar por seu filho, que possui uma enfermidade. E Carlos Marinho carrega todas as matizes dra-

máticas, das quais sua personagem necessita. Com ótima colocação vocal e uma dicção brilhante – poucas vezes vista no teatro por jovens atores – o ator compõe seu estrangeiro sem maneirismos, articulando um portunhol convincente e uma concentração fora do comum. Viciado, o Joel de Jaderson Fialho

evidencia suas fraquezas e o ator revela paradoxalidade com sabedoria, sobretudo nos momentos de embriaguez. Os intérpretes se mobilizam de forma impecável para nos apresentar a história contundente e violenta, que lhes foi confiada.

Um piso branco atenua os climas instaurados e favorece a luz precisa de Thaisa Santhoth. O cenógrafo João Dalla Rosa, acomoda ainda uma bicicleta, que facilita a condução da narrativa, além de apostar na simplicidade de um figurino adequado. A trilha de Marcio Pizzi reverbera elegância, ao ecoar Piazzola, e como a cereja do bolo, Frank Sinatra para finalizar, numa primorosa coesão de contexto.

Tarde, no Brasil e Espanha, é substantivo e advérbio. E nessa metáfora, o espetáculo reforça seu status poético, na ideia de que algo já se deu com atraso, que a vida vai passar e devemos correr para não perdermos o fio da meada. Antes tarde do que nunca, é preciso compartilhar da beleza que se expressa na montagem de “Tarde”!

SERVIÇO

TARDE

Espaço ABU (Av. N. S. Copacabana, 249, Loja E) | Até 2/11, de sexta a domingo (20h) | R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Oficina gratuita

Neste sábado (25), das 10h às 13h, o ator e diretor Clayton Nascimento ministra oficina gratuita na sede da Ação da Cidadania, na Gamboa. A atividade integra o ciclo FormAção de Portas Abertas 2025. Clayton apresentará trechos de “Macacos”, espetáculo solo que aborda racismo, memória e identidade, comentando seu processo criativo. O FormAção oferece cursos gratuitos em artes para 200 alunos de comunidades populares. Inscrições abertas em www.acaodacidadania.org.br. Local: Rua da Gamboa, 246.



Josi Areia/Divulgação



Divulgação

Saúde mental em cena

“Limítrofe” encerra temporada neste domingo (26) no Teatro Dulcina. Com texto de Oscar Calixto e direção de Daniel Dias da Silva e Anderson Cunha, a montagem acompanha três desconhecidos que se encontram no telhado de um prédio e discutem ansiedade, depressão e transtornos contemporâneos. Com dramaturgia baseada em consultorias de profissionais da saúde mental e referências como Freud e Bauman, o espetáculo mescla drama e comédia. Malu Falangola, Raphael Najan e Oscar Calixto interpretam os personagens.



Mariana Ricci/Divulgação

Diva fragilizada

Nina de Pádua interpreta Bette Davis em monólogo com apresentação única neste sábado (25), às 17h, na Casa Museu Eva Klabin. O espetáculo, escrito por Jau Sant’Angelo, apresenta a atriz hollywoodiana em momento de fragilidade, isolada em seu camarim. A montagem explora temas como envelhecimento, fama e os bastidores da carreira artística. Nina, aos 70 anos e com 55 de carreira, celebra a trajetória profissional com a personagem. O texto aborda a postura disruptiva de Davis na indústria cinematográfica. Ingressos disponíveis online.

Jose Chepe DeVillegas/Divulgação

The Wailers chega ao Rio com turnê especial que revisita álbum histórico de Bob Marley e apresenta novo trabalho indicado ao Grammy

Por Affonso Nunes

Uma das formações mais emblemáticas da história do reggae, The Wailers desembarca na Fundação Progresso neste sábado (25). O show integra a turnê brasileira que celebra os 30 anos de “Natural Mystic: The Legend Lives On”, aclamado álbum de compilações que eternizou clássicos de Bob Marley com a banda. O giro pelo país começou por Goiânia e Brasília.

Sob a liderança de Aston Barrett Jr., filho do lendário baixista Aston “Familyman” Barrett, os Wailers seguem ativos. Barrett Jr. não apenas herdou o talento musical do pai, mas também sua missão de manter acesa a mensagem de amor, unidade e justiça social que sempre caracterizou o trabalho da banda. Em 2024, ele fez sua estreia como ator na cinebiografia “Bob Marley: One Love”, interpretando justamente seu pai.

Lançado em 23 de maio de 1995, “Natural Mystic: The Legend Lives On” funciona como um complemento essencial ao álbum de compilação de 1984, “Legend”. Enquanto este último foca principalmente em canções de amor que conquistaram as paradas mundiais, “Natural Mystic” mergulha nas obras de Bob Marley com temáticas mais politizadas e religiosas.

Na faixa-título, o Rei do Reggae já alertava para a necessidade de enfrentar a realidade em meio à agitação e mudanças globais. Outras faixas de destaque são “Africa Unite”, hino pan-africanista que clama pela união do continente, “So Much Trouble In The World”, reflexão sobre os desafios sociais, e “Iron Lion

A formação atual do Wailers é liderada pelo baixista Aston Barrett Jr. (ao centro)



O legado vivo do reggae

Reprodução



Bob Marley e os Wailers em sua formação clássica

Bob Marley, Peter Tosh e Bunny Wailer no início dos anos 1960, a banda foi fundamental para levar o reggae jamaicano aos quatro cantos do planeta, transformando um estilo regional em fenômeno global. Mesmo após a morte de Marley em 1981, os músicos que o acompanharam continuaram a missão de difundir a mensagem do reggae consciente, mantendo viva a tradição musical que combina ritmos hipnóticos, letras politizadas e espiritualidade rastafári. A formação atual, liderada por Barrett Jr., representa a continuidade desse legado.

Após a passagem pelo Rio, a banda seguirá para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com shows em Imbituba, Criciúma, Florianópolis, Porto Alegre, Caxias do Sul e Novo Hamburgo, encerrando a turnê brasileira no dia 2 de novembro em São Paulo, no Espaço Unimed.

SERVIÇO

THE WAILERS - NATURAL MYSTIC 30 ANOS

Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24, Lapa) | 25/10, a partir das 21h (abertura da casa)
Ingressos a partir de R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

Zion”, celebração da resiliência pessoal e da força espiritual.

Além da execução de “Natural Mystic: The Legend Lives On” na íntegra, The Wailers apresenta outros sucessos que marcaram a história da música jamaicana. “Evolution”, álbum lançado em 2024, que rendeu aos Wailers duas indicações ao Grammy, também será lembrado pela banda.

Produzido por Emilio Estefan Jr., “Evolution” combina os ritmos atemporais do reggae com influências latinas e caribenhas, apontando novos caminhos para o gênero. Canções como “Love Should Be Free” conquistaram o público mundial, recebendo aclamação da crítica por suas mensagens de amor, unidade e transformação social.

Formada originalmente por

No Céu da autoralidade

Cantora e compositora celebra os 20 anos de seu álbum de estreia

Por Affonso Nunes

Vinte anos depois de lançar seu álbum de estreia homônimo, Céu retorna ao palco do Circo Voador nesta sexta-feira (24) para celebrar o disco que a revelou ao mundo e consolidou sua voz na cena musical brasileira. O show “Céu 20 Anos” é uma releitura sensível de um trabalho que permanece atual.

Quando lançou seu primeiro disco em 2005, Céu inaugurou uma linguagem própria que equilibrava raízes brasileiras com sonoridades urbanas, abrindo caminho para uma nova geração de cantautoras. O álbum trazia uma proposta autoral que dialogava com diferentes tendências musicais sem abrir mão da identidade brasileira.

Nesta turnê, a cantora e compositora sobe ao palco acompanhada por Lucas Martins (baixo), Sthe Araújo (percussão e vocais), Leonardo Mendes (guitarra), Pedro Lacerda (bateria), Zé Ruivo (teclados) e DJ Marco, integrante da formação original. O repertório, conta ela, mescla o disco de estreia, que será tocado na íntegra, com outros sucessos da carreira.

A noite começa com DJ Nyack, referência na cena hip hop atual, que apresenta um set de R&B ao lado de Jadsa. A cantora, compositora e produtora baiana traz músicas de seu segundo álbum “Big Buraco”, indicado ao Grammy Latino na categoria Melhor Álbum de Rock ou Alternativo em Língua Portuguesa, além de outros destaques de sua discografia.

SERVIÇO

CÉU

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

24/10, a partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos a partir de R\$ 200 e R\$ 100 (meia)



Céu é precursora de uma geração de cantautoras

Uma noite nórdica com a OSB

Principal peça do programa foi criada por dupla de hitmakers da cena eletrônica

A Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) promove neste fim de semana um encontro inusitado entre tradição e vanguarda. Neste sábado e domingo (25 e 26), a Cidade das Artes recebe a edição Dinamarca da Série Mundo, que tem como grande atração a estreia mundial de “Nexus”, obra para marimba, orquestra e eletrônica assinada por Søren Due e Lucas Nancke, dois dos compositores dinamarqueses mais executados da cena eletrônica contemporânea. A peça será

interpretada pelo percussionista Ronni Kot Wenzell, sob regência do maestro britânico Neil Thomson.

Due e Nancke acumulam números expressivos no universo da música eletrônica global: mais de 460 milhões de streams em plataformas digitais e participação em conteúdos que ultrapassam 22 bilhões de visualizações nas redes sociais. Com lançamentos por selos como Sony Music e colaborações com nomes como Black Eyed Peas e Galantis, a dupla se destaca pela capacidade de unir sofisticação sonora e apelo popular. “Nexus” marca sua primeira incursão no repertório sinfônico, criada especialmente para Wenzell explorar a versatilidade da marimba na interseção entre linguagens musicais tão distintas.

“O público que queremos alcançar in-



Vic Firth/Divulgação

Ronni Wenzell: solista do concerto para marimba e orquestra

clui tanto quem já aprecia a música clássica e busca novos desafios, quanto quem vem do universo eletrônico e tem interesse pelo sinfônico – ou, ainda melhor, aqueles que nunca tiveram contato com a música orquestral”, explicam Due e Nancke. A obra se estrutura

como narrativa mítica, transitando do conflito à resolução, da fratura à fusão. Orquestra, texturas eletrônicas e solista não apenas coexistem, mas se confrontam e transformam mutuamente.

O programa dialoga com a história musical dinamarquesa ao incluir a “Abertura de Elverhøj” (1828), de Friedrich Kuhlau, pilar do romantismo nacional que evoca o imaginário nórdico de florestas e lendas, e a “4ª Sinfonia — O Inextinguível” (1916), de Carl Nielsen, manifesto sonoro da vitalidade humana escrito durante a Primeira Guerra Mundial. “Imagine a 4ª Sinfonia épica de Carl Nielsen ao lado de um concerto inédito escrito por hitmakers do EDM com 20 bilhões de streams – as noites dinamarquesas serão explosivas”, afirma Wenzell. (A.N.)

SERVIÇO

OSB - SÉRIE MUNDO DINAMARCA

Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca, Rio de Janeiro)
25 e 26/10, sábado (19h) e domingo (17h)
Ingressos a partir de R\$ 30 e 15 (meia)

Jesuton ontem, hoje e amanhã

Cantora apresenta
repertório que conecta
sua singular trajetória

Por Affonso Nunes

A cantora Jesuton sobe ao palco do Blue Note Rio nesta sexta-feira (24), às 20h, para um show que mapeia sua trajetória artística. Em formato voz e violão, “Uma Noite com Jesuton: De ‘Home’ a ‘Hoje’” percorre os caminhos de uma carreira construída entre Londres, Lisboa e o Brasil, desde o seu disco de estreia até seu mais novo trabalho.

Nascida em Londres, filha de mãe jamaicana e pai ni-

Jesuton:
‘Minha
voz
vive em
muitos
lugares’



Divulgação

geriano e atualmente radicada no Brasil, Jesuton define sua identidade artística sob o filtro diaspórico. “Sou diáspora em movimento. Minha voz vive em muitos lugares: Reino Unido, Brasil, Portugal, Colômbia... Sou filha do Atlântico”, afirma a artista, que evita enquadramentos nacionalistas para habitar o espaço fluido da diáspora africana.

Essa olhar transatlântico é perceptível em “Hoje”, álbum lançado nas plataformas digitais há um mês. O trabalho reúne dez faixas que transitam entre soul contemporâneo, afrobeat, afropop, MPB, R&B, rap, jazz e ritmos eletrônicos. O processo criativo refletiu essa natureza nômade, como ela mesma atesta. “Gravamos em várias cidades, em estúdios itinerantes, em momentos imprevisíveis. Ideias surgiram em estrada, pausas, madrugadas... Foi visceral. Dormir no estúdio. Acordar com letra nova. Regravar de olhos fechados”, conta.

O trabalho representa uma jornada pessoal de seis anos. “Não foram seis anos para fazer esse disco. Foram seis anos para me tornar a pessoa capaz de fazê-lo. As músicas chegaram prontas, mas elas pediam uma versão de mim que ainda não existia”, diz a cantora, que já conquistou reconhecimento com sua versão de “I’ll Never Love This Way Again”, alcançando 18 milhões de visualizações no YouTube.

SERVIÇO

UMA NOITE COM JESUTON: DE HOME A HOJE
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910, Copacabana) |
24/10, às 20h | A partir de R\$ 60

ROTEIRO MUSICAL

P O R A F F O N S O N U N E S

Diego Antunes/Divulgação



Grandes árias

A Sala Cecília Meireles recebe nesta sexta (24), às 19h, o espetáculo “Gala – in Memoriam”, da Companhia de Ópera da Lapa. O evento homenageia o barítono Fernando Teixeira e o maestro Larry Fountain. A apresentação inclui árias célebres como “Largo al Factotum” (O Barbeiro de Sevilha), “O mio babbino caro” (Gianni Schicchi), “Habanera” (Carmen), “Va pensiero” (Nabucco) e “Der Hölle Rache” (A Flauta Mágica).

Divulgação



Música no Museu

O projeto Música no Museu apresenta neste sábado (25), às 18h, o Trio Movimento Musical no Palácio São Clemente, em Botafogo. O grupo é formado pelo pianista João Paulo Romeu, a violoncelista Denise Emmer e a flautista Lélia Brazil. O repertório transita entre o erudito e o popular. O recital integra a programação de outubro do projeto, que promove apresentações musicais gratuitas em espaços históricos.

Marcos Hermes/Divulgação



Maratona autoral

Marvila apresenta “Só VVamo” neste domingo, a partir das 15h, na Ilha Itanhangá. O show inaugura a fase autoral do artista que promete cantar por mais de quatro horas com participações de Kamisa 10, Fabinho, Renan Oliveira, Gustavo Lins, Bruno Diegues, Vick Nunes, Luquinha, Ayla e PK. O projeto, lançado em 2024 como audiovisual, somou 100 milhões de streams e reuniu nomes como Péricles, Ferrugem e Thiaguinho.

Divulgação



Noite cigana

O Solar de Botafogo recebe neste sábado (25), às 20h, a Gipsy Experience, banda tributo aos Gipsy Kings - fenômeno espanhol dos anos 1990. Fundado em 2022 pelo artista flamenco Flavio Rodrigues, o grupo apresenta repertório com clássicos como “Bamboleo”, “Djubi Djoba” e “Volare”. O espetáculo conta com participação de bailarinas de dança cigana e dança do ventre do Coletivo Gipsy Rio.

SHOW

O LADO B DA BOSSA

*Roberto Menescal e Cris Delanno resgatam temas menos conhecidos da Bossa Nova no show de lançamento do álbum homônimo. Sáb (25), às 20h e 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana). A partir de R\$ 90

DESENGAIOLA

*Amigos e parceiros musicais, Alfredo Del-Penho, João Cavalcanti, Moyseis Marques e Pedro Miranda recebem convidados e mostram suas produções autorais. Ter (28), às 20h. Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

JOÃO XENAKIS QUARTETO

*Acompanhado por Edu Lissovsky, Emerson Ribber e Paulo Renato Costa Maciel, o cantort e guitarrista apresenta show-tributo a Cat Stevens e James Taylor, ídolos dos anos 1970. Sex (24), às 20h. Palácio da Música (Rua Buarque de Macedo, 87, Flamengo). R\$ 50 (antecipado) e R\$ 60 (na hora)

HUMOR

DIOGO ALMEIDA

*Com seu olhar afiado, o humorista trata da realidade dos profissionais da educação e conta histórias que todo mundo que já pisou em uma sala de aula vai reconhecer. Sáb (25), às 21h. Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca0. A partir de R\$ 60

TEATRO

COMPLIANCE

*Juliano Cazarré se une ao diretor Fernando Ceylão nesta ácida crítica ao universo dos coaches e influenciadores digitais. Até 2/11, sex e sáb (20h) e domingos (19h). Teatro I Love Prio (Av. Bartolomeu Mitre, 1110B - Leblon). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

DE REPENTE 27

*Referência teatral na Baixada Fluminense, a Cia. de Arte Popular celebra seus 27 anos de trajetória neste espetáculo com direção de Vinicius Baião. Até 1/11. Qui e sex (19h) e sáb (17h e 19h). Teatro Léa Garcia (Centro Cultural dos Correios - Rua Visconde de Itaboraí, nº 20). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade



Desengaiola

O MOTOCICLISTA NA GLOBO DA MORTE

*Em desempenho magistral, Eduardo Moscovis mostra neste solo, com texto de Leonardo Netto e direção de Rodrigo Portella, o tênue limite entre a civilidade e a barbárie. Até 14/12, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

A PÉROLA NEGRA DO SAMBA

Musical revela a trajetória pessoal e artística da saudosa cantora e compositora Jovelina Pérola Negra, referência feminina do samba carioca. Até 9/11, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). *Sessões com intérprete de Libras e audiodescrição. A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)



Divulgação

Eu Sou Um Monstro



Divulgação

Café Com Leite

Catarina Ribeiro/Divulgação



O Motociclista no Globo da Morte



Divulgação

João Xenakis Quareto



Divulgação

O Universo Lúdico e Criativo de Deneir Martins

CHOQUE! PROCURANDO SINAIS DE VIDA INTELIGENTE

✱O diretor Gerald Thomas adapta o clássico de Jane Wagner para os dilemas da era digital. Danielle Wintis assume vários papéis neste solo. Até 2/11, qui a sáb (20h) e dom (17h). Teatro Copacabana Palace (Av. Atlântica, 1702). A partir de R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

A SABEDORIA DOS PAIS

✱Natália do Vale e Herson Capri celebram 50 anos de carreira neste reencontro nos palcos em montagem de texto inédito de Miguel Falabella que expõe com sensibilidade o amor na maturidade. Até 14/12, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

A PROCURA DE UMA DIGNIDADE

✱Ana Beatriz Nogueira realiza neste solo uma busca em si mesma para investigar sobre qual dos livros de Clarice Lispector que lhe atirou no precipício existencialista. Até 26/10, sex e sáb (20h) e dom (19h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

EU SOU UM MONSTRO

✱Performance do multiartista Fauser Hatén remonta a um episódio da biografia de Francis Bacon (1909-1992) quando o pintor perde seu companheiro às vésperas de uma importante exposição e decide manter o episódio em sigilo. Até 26/10, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeirinha (Rua S. João Batista, 104). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

EXPOSIÇÃO

REFLEXOS, ENCLAVES, DESVIOS

✱O renomado artista plástico português José Pedro Croft reúne nesta individual cerca de 170 obras que estabelecem um diálogo único entre arte contemporânea e arquitetura histórica. Até 7/11, de qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

O UNIVERSO LÚDICO E CRIATIVO DE DENEIR MARTINS

✱Exposição do artista radicado em Piabetá (RJ) reúne 40 anos de uma criação singular de peças com materiais descartados. Até 3/12, ter a sex (10h às 18h) | sáb e dom (11h às 17h). Museu de Folclore Edison Carneiro (Rua do Catete, 179). Grátis

ATRAVÉS DO VÉU VERDE

✱O fotógrafo e artistas visual argentino Edo Costantini reúne uma década de investigação de imagens de uma floresta próxima a Nova York. Até 23/11, terça a dom (10h às 18h). MAC Niterói (Mirante da Boa Viagem, s/nº). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

ENTRE AIYÊ E O ORUN

✱Um mergulho profundo em obras que remetem aos mitos da criação segundo as mitologias das religiões de matriz africana na concepção de vários artistas. Até 26/10, ter a dom. Caixa Cultural (Av. Alm. Barroso, 25 - Centro). Grátis

INFANTIL

CAFÉ COM LEITE

✱Aninha, uma menina com mais tarefas que muito adulto encontra um jeito de fugir das responsabilidades. Até 26/10. Sáb (11h) e dom (11h). Teatro Municipal Domingos Oliveira (Rua Vice-Governador Rúbens Berardo, 100, Gávea). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

GEOMETRIAS DE LUZ

✱Experiência interativa que mergulha nos elementos fundamentais da exposição de José Pedro Croft em cartaz no CCBB RJ. Com materiais simples, os participantes são estimulados e construir esculturas geométricas que revelam novas possibilidades de forma e percepção. Até 7/11. Sáb e fer (às 15h e 17h) | dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

Na boca do povo

Às vésperas de sua estreia, agendada para o próximo dia 6, 'O Agente Secreto' passa neste fim de semana pela Mostra de SP referendado por elogios do Brasil e do exterior



CinemaScopio

Por Rodrigo Fonseca Especial para o Correio da Manhã

Produção brasileira mais esperada do ano, desde que conquistou quatro prêmios no Festival de Cannes, "O Agente Secreto" entra definitivamente em cartaz no dia 6 de novembro, mas terá pré-estreia em diferentes salas de projeção cariocas neste sábado, enquanto se aboleta em pontos diferentes da 49ª Mostra de São Paulo. Leva sua eletrizante reconstituição do Recife de 1977 para o evento nesta sexta, na Cinemateca Brasileira, em sessão às 15h40, e neste sábado, com exibição no Cinesesc, às 16h40.

Seu realizador, Kleber Mendonça Filho, disputou a Palma de Ouro com a fita e saiu da Croisette com a láurea de Melhor Direção, o Prêmio da Crítica e uma honraria dada pela Associação de Cinemas de Arte e Ensaio da França. Seu astro, Wagner Moura, deixou a Côte d'Azur com o troféu de Melhor Interpretação pelo desempenho no papel de um professor universitário e inventor que, sob identidade falsa, tenta fugir de dois assassinos contratados por um empresário cuja ambição é uma patente científica rara no tempo em que o Brasil esteve na mão dos generais. Muita gente tem saído de olhos estatelados do filme e fala de indicações ao Oscar. O Correio da Manhã foi atrás de sua plateia ilustre para saber o que faz dessa revisão histórica a maior diversão. Com a palavra, o público de Kleber:

É um filme que te mantém preso à cadeira durante duas horas e meia. Um filme muito incomum: é complexo, ambicioso e intrigante, mas, salvo alguns momentos, não se perde nem na sua ambição, nem na sua intenção, nem na sua complexidade. Também não cede ao "realismo mágico", ao exotismo

e a essas coisas que se esperam de nuestros filmes latino-americanos. Adoro como ele brinca com o que não é dito.

Salvador Savarese, montador

"O Agente Secreto" é um filme pernambucano, com certeza. Não somente pela reconstituição

impecável de época, mas pelo tipo de narrativa no formato da tradição de contar os fatos pela imaginação popular nas lendas recifenses. A narração oral das lendas reedita a memória na narrativa cinematográfica para impugnar o presente e a imaginação face a abominação da

violência no Recife e no Brasil, de forma sutil, irônica.

Dinara Gouveia Machado Guimarães, psicanalista

"O Agente Secreto" é um filme-fleuve, uma reflexão sobre os males de um passado terrível que todos nós vivemos na turbulência das políticas autoritárias de um Brasil recente. É uma terna história de amor paterno à procura de redenção. As interpretações excepcionais, lideradas por Wagner Moura, são memoráveis, sem suspeita de melodrama. O impacto do filme de Kleber Mendonça Filho é hipnótico: uma sacudidela cinéfila onde você percebe as influências de todo um cinema pós-Godard com garantia de inovação, reafirmando que nosso cinema floresce a cada nova geração. Não existe Nostradamus que possa prever o que cineastas como Kleber, Walter Salles, Luciano Vidigal e tantos mais nos privilegiarão nas próximas temporadas.

Fabiano Canosa, programador, curador e pesquisador

O filme de Kleber Mendonça Filho trilha um caminho peculiar. Enquanto nos conduz a uma série de acontecimentos inusitados cujas causas se desvendam gradativamente, mergulha em um mundo fantástico e, ao mesmo tempo, real, impactante que, mesmo vivido na década de 1970, ecoa em nossa realidade presente. A atuação primorosa de Tânia Maria foi aclamada pelo público do Festival do Rio. Wagner Moura, a grande estrela, brilhou como era de se esperar. Entre refugiados, vilões, um gato de duas caras e cenas inusitadas, o filme é um triunfo do cinema brasileiro. Um poema.

Ivan Pientzenauer, advogado

Adorei as referências cinéfilas que aparecem nesse filme, nas cenas no Cinema São Luiz com os filmes 'Tubarão' e 'A Profecia'. Adorei ver o cinema como personagem do filme.

Cavi Borges, agitador cultural, judoca, cineasta e produtor

O que mais me impressionou em "O Agente Secreto" foi a direção como um todo. Desde as escolhas da forma, com uma ambientação monumental, até os planos abertos, os zooms "scorsesianos", a fotografia setentista que remete à era da "Nova Hollywood", passando pela direção de atores (que são muitos!). KMF mostra uma maturidade impressionante na maneira como conduz o longa-metragem.

Sabrina Fidalgo, cineasta

Um filme pra todo público. A cada cena, uma surpresa. Estou louco pra ver mais vezes.

Daniel Filho, diretor, produtor e ator

Filmaço cheio de reviravoltas, com atuações inesquecíveis de um elenco incrível

Paula Barreto, produtora

Uma das coisas que mais impressionaram foi o elenco. Wagner Moura, como se sabe, está assombroso, mas todo o elenco entrega muito, em atuações cheias de personalidade, mas em sintonia umas com as outras. Impressiona muito também a primeira cena no posto de gasolina. É antológica!

Sergio Machado, cineasta

"O Agente Secreto" é um filme que celebra a festa, a comédia, a rua, o cinema, de maneira lúdica e onírica, mas é também um filme de pesadelos, bem sintetizado na metáfora do tubarão, como blockbuster e como signo do perigo que habita a orla paradisíaca de Recife. Um encontro entre poética e necropolítica.

Viviane Pistache, pesquisadora, roteirista e curadora

Kleber Mendonça Filho transforma o suspense em espelho de um país que vive entre a farsa e a tragédia, o delírio e a resistência. Sua ficção não inventa o real — apenas o revela.

Priscila Miranda, distribuidora

ENTREVISTA / CACO CIOCLER, ATOR E DIRETOR

'O Brasil entendeu que não tem uma cara, tem muitas'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Recebido com gáudio na Mostra de São Paulo, onde passa novamente neste domingo, às 19h10, no Instituto Moreira Salles da Paulista, "Eu Não Te Ouço" - alegoria política estruturada como investigação entre viver e representar - é o quarto longa-metragem dirigido por Caco Ciocler. Ele foi o ator mais onipresente do último Festival do Rio. Brilhou inclusive no drama que venceu a Première Brasil: "Pequenas Criaturas", de Anne Pinheiro Guimarães. Levou som e fúria ainda a "Quarto do Pânico", de Gabriela Amaral Almeida, e "(Des)Controle", de Rosane Svartman e Carol Minêm. Fora isso, na competição oficial, pavimentou o caminho para que Murilo Salles apresentasse o país com uma obra-prima: "A Vida De Cada Um". Vive ali um miliciano de botar medo no Walter White de "Breaking Bad" e em qualquer mafioso da telona.

À parte disso aí (de bom) tudo, Caco dirigiu a parte (até agora) final de uma trilogia composta por "Partida" (2019) e "O Melhor Lugar do Mundo É Agora" (2021), que se chama "Eu Não Te Ouço" num indício da falta de diálogo inerente à polarização do país.

Márcio Vito, seu astro, foi laureado com o prêmio de Melhor Ator na mostra Novos Rumos do Festival do Rio por um desempenho especular, inspirado num bolsomion que se agarrou a um caminhão a fim de atrair simpatia para seu Messias e no caminhoneiro que testemunhou sua imolação.

Neste momento de apogeu profissional, numa carreira que jamais desgrudou do teatro, Ciocler fala ao Correio da Manhã do que busca ao filmar narrativas que fingem ser documentários para parecer que são encenações.

Seu "teatro político em forma de filme" fez do Brasil uma Tebas, qual a terra de "Édipo Rei", onde as tragédias que nos



Claudio Andrade/Divulgação

fincam a moiras ancestrais (leia-se coloniais) seguem a assombrar nosso porvir, nosso futuro. O que essas investigações cinematográficas apontam para você como alternativa para o barco encalhado numa política de ódios que é a polarização do país? Seus filmes como diretor são catarses ou são saídas, nesse teu projeto estético?

Caco Ciocler - É curioso pensar se esses trabalhos são catarses ou saídas. No meu filme anterior, "O Melhor Lugar do Mundo é Agora", há uma fala da Cláudia Missura em que ela diz que, antigamente, o teatro era receitado por médicos. Você se consultava e eles diziam: "Você precisa de uma tragédia, você precisa de uma comédia." A catarse nasceu com essa função de cura. Ou seja, a catarse tem serventia, a catarse modifica. Sim, esses meus filmes foram catarses. Elas nasceram de uma necessidade bonita de responder — não

no sentido de dar uma resposta, mas de reagir — a três momentos bastante perturbadores, recentes. Quis responder artisticamente. Não estava mais me contentando em responder nas redes sociais, como cidadão; eu queria entender o que o meu eu artista tinha a dizer. Não como resposta, mas como reação. Coloquei-me nesse estado, nessa provocação catártica — no sentido da cura, da possibilidade de experienciar a angústia de maneira criativa. Nesse sentido, são catarses e também saídas. Porque, a partir do momento em que você elabora uma angústia e transforma isso numa obra que não dá respostas, mas inaugura novas perguntas, já é uma saída.

O que um ator como o Márcio Vito te oferece de mais vívido e de mais provocador numa experiência audiovisual?

Eu sempre me coloco no lugar de um do-

cumentarista oculto que está descobrindo o universo dos entrevistados — nessa mistura constante de ficção e documentário. Preciso de pessoas que toquem esse jogo da criação comigo. O Márcio Vito é um ator extremamente inteligente, intuitivo, corajoso, rápido, e que aceita esse lugar de experimentação. Claro que não é uma experimentação total; existe um norte, um preparo. Mas o cinema que venho fazendo exige que eu não saiba de tudo. Não à toa, eu sempre apareço nesses filmes como alguém que está, de fato, investigando algo que não sabe. O Márcio me oferece esse jogo — e não é qualquer um que oferece —, o jogo de se deixar ser investigado em cena. Isso exige muita coragem, e ele é extremamente corajoso.

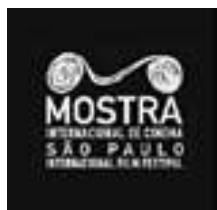
E como se dá o processo com ele na prática?

Quando fiz "O Melhor Lugar do Mundo É Agora", eu provocava os atores e atrizes e dizia: "Quando você estiver pronto, me avisa, e a gente marca a entrevista." Assim que contei isso ao Vito, ele respondeu: "Não, eu quero fazer agora." Eu disse: "Mas você tem que se preparar." E ele insistiu: "Não, eu já entendi o que quero fazer." Fizemos um exercício de improvisação que durou uma hora e meia, com uma genialidade inacreditável. Nos primeiros cortes, o filme era praticamente o Vito, de tão brilhante que ele foi. Tivemos que equilibrar. Desde então, percebi que precisava fazer uma experiência só com ele.

Você reinou sobre a Première Brasil e segue a trilhar espaços, agora na Mostra de São Paulo. A vitória de Anne Pinheiro Guimarães no Festival do Rio, com "Pequenas Criaturas" leva você com ela. O que esses filmes te mostram sobre o atual estado de coisas do nosso cinema?

Eu responderia com uma palavra: diversidade. Houve um tempo em que o cinema brasileiro tentava achar uma cara. Acharmos essa cara. Mas agora entendemos que são várias. Eu fiz filmes muito diferentes e, ao olhar, percebo o quanto são diversos. Isso é o mais bonito: o Brasil entendeu que não tem uma cara, tem muitas, e está apostando nelas, fazendo cada vez melhor — em termos de linguagem, de conteúdo, de investigação. O cinema brasileiro está livre. Cada vez mais livre. E isso é lindo, porque a gente não faz filme para acertar, faz filme para investigar, para inaugurar perguntas. As pessoas estão usando o cinema para se autoprovocarem — e, por isso, estão mais livres. O cinema brasileiro, livre, é mais potente.

Achados, promessas, certezas



Maratona cinéfila paulista garante banquete de autoridades em sua reta final

Divulgação



A Incrível Eleanor

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Num fim de semana que começa com “O Agente Secreto” e termina com Manoel de Oliveira (1908-2015) e seu “Aniki-Bobó” restaurado, o rol de atrações autorais da 49ª Mostra de São Paulo é dos mais vastos, com destaque para uma sessão do oscarizável “Springsteen: Salve-Me do Desconhecido”, de Scott Cooper, na Cinemateca Brasileira, às 18h30, de domingo, com canja de “Born In The US”, num resgate da saga de formação do bardo americano. Empenhado numa triagem das autoridades que se reafirmam na maratona paulista, o Correio da Manhã sugere algumas projeções que vão tornar os próximos dias do evento imperdíveis à luz da cinefilia.

DEUS NÃO VAI AJUDAR (“*God Will Not Help*”), da Hana

JUSIC (Croácia): A chilena Manuela Martelli e a eslava Ana Marija Veselcic saíram do Festival de Locarno laureadas pelo desempenho que apresentam neste drama sobre choques culturais. No início do século 20, uma chilena chamada Teresa chega a uma comunidade montanhosa de pastores croatas, rígida e isolada, afirmando ser a viúva de um dos irmãos que havia emigrado. Sua presença abala profundamente a dinâmica entre os membros da comunidade e desperta inquietações, mas também traz um sopro de liberdade. Quando e onde: sexta, 15h, no Reserva Cultural

A INCRÍVEL ELEANOR (“*Eleanor, The Great*”), de **Scarlett Johansson (EUA):** A Viúva Negra da franquia “Vingadores” estreou na direção de longas com brio, numa narrativa agri-doce que lembra “Melhor É Impossível” (1997). Sua estrela, em estado de graça, é a nonagenária June Squi-



Cyclone

Divulgação



Deus Não Vai Ajudar

Kinorama



Relâmpagos de Críticas Murmúrios de Metafísicas

Divulgação

bb. Ela vive uma encenqueira que finge ser uma sobrevivente do Holocausto para forjar amizade com uma jovem estudante de jornalismo. O pai da moça, um famoso apresentador de TV, é vivido por um inspirado Chiwetel Ejiofor. Quando e onde: Sexta, 18h50, na Cinemateca

BLUE MOON, de Richard Linklater (EUA): Eis a mais recente parceria entre Ethan Hawke e o diretor de “Boyhood” (2014), seu parceiro na trilogia iniciada em “Antes do Amanhecer” (1995-2013), com Julie Delpy. Numa nova sinergia, o cineasta e o astro revisitam a saga do letrista Lorenz Hart (1895-1943), que enfrenta corajosamente o futuro à medida que sua vida (profissional e privada) desanda em goladas contínuas em destilados de alto teor alcoólico. Tudo se passa no bar Sardi’s, durante a festa de abertura do novo espetáculo (o fenômeno “Oklahoma!”)

de seu ex-parceiro Richard Rodgers (1902-1979), interpretado por Andrew Scott (de “Ripley”), que foi premiado na Berlinale por sua atuação nesta caudalosa produção. Na noite de 31 de março de 1943, narrada no roteiro, Lorenz (Hawke, notável) vai escancarar todos os seus demônios. Quando e onde: sábado, 13h30, no Espaço Petrobras

RELÂMPAGOS DE CRÍTICAS MURMÚRIOS DE METAFÍSICAS, de Julio Bressane e Rodrigo Lima (Brasil): Mestre absoluto das estéticas de invenção, o realizador de “O Mandarim” (1995) foi aclamado no Bafici, o Festival de Buenos Aires, com este experimento na raia da arquivologia elaborado a quatro mãos com seu parceiro de montagens. Sua narrativa se concentra sobre a edição de 48 filmes brasileiros realizados entre 1898 e 2022. Cada fotograma revisitado expõe uma memória e uma verdade. Quando e

onde: sábado, 21, Espaço Petrobras

ROSEMEAD, de Eric Lin (EUA): Alçada à condição de estrela na versão do seriado “As Panteras” para a telona, em 2000, e eternizada como vilã ao som de “Don’t Let Me Be Misunderstood” em “Kill Bill: Volume 1” (2003), Lucy Liu dá um passo além nesta carreira numa produção com cheiro de Oscar, laureada com o Prêmio do Público em Locarno. Situado no coração do San Gabriel Valley, com base numa história real, o filme é a saga de uma imigrante chinesa com doença terminal que descobre a perturbadora fixação de seu filho adolescente por tiroteios em massa. À medida que sua saúde se deteriora, ela toma medidas cada vez mais desesperadas - e moralmente complexas - para protegê-lo e enfrentar as trevas que o atraem. Quando e onde: domingo, 10h, no Sato Cinema.

CYCLONE, de Flávia Castro (Brasil): Uma atuação hipnótica de Luiza Mariani assegura viço a um estudo sobre o silenciamento sexista de uma expressão caudalosa de invenção da São Paulo do zeitgeist modernista que gerou a Semana de 22. A inspiração (livre) é Maria de Lourdes Castro Pontes (1900-1919), autora designada alternadamente por Deisi, Daisy, Dassinha, Miss Tufão e Miss Cyclone. No auge de sua criação, em busca de uma bolsa para escrever no exterior, ela sofre diversos vetos. Quando e onde: domingo, 15h20, no Instituto Moreira Salles da Paulista.

GARÇA-AZUL (“*Blue Heron*”), de **Sophy Romvary (Canadá/ Hungria):** Um painel de angústias geracionais, este drama sobre amadurecimento e aceitação familiar rasga corações ao falar de desamparo. Tudo se passa no fim da década de 1990, quando Sasha, de oito anos, e sua família de imigrantes húngaros, mudam-se para uma nova casa, em Vancouver. Seu recomeço se abala diante do comportamento cada vez mais perigoso de Jeremy, o filho mais velho, que esbanja desconforto diante do Novo Mundo. Quando e onde: domingo, 20h30, no Espaço Petrobras

Um México que late contradições

MUBI incorpora à sua grade digital ‘Amores Brutos’, uma das produções que redefiniram a estética da violência América Latina nos anos 2000, com Rodrigo Prieto na direção de fotografia

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Calçando-se na comédia política “No Nos Moverán”, do diretor estreante Pierre Saint-Martin Castellanos, para tentar uma vaga no Oscar, o México vai muito bem na criação de conteúdo 0 km para plataformas digitais – vide o barulho da série “Sem Querido Querendo”, sobre a criação do Chaves, na HBO Max -, mas não anda em sua melhor fase cinematográfica. Em 2024, “Sujo”, de Astrid Rondero e Fernanda Valadez, que venceu o Festival de Sundance, nos EUA, prometia uma nova era de ouro para a pátria natal do Seu Madruga, mas não explodiu no gosto do povo, pelo menos não do modo como “Amores Brutos” estourou na preferência popular – no mundo todo – há 25 anos.

Não por acaso, ao comemorar duas décadas e meia de prestígio, com direito a uma cópia restaurada em tecnologia 4K, o longa-metragem de Alejandro González Iñárritu voltou às telonas. Sessões dele mobilizam o CineCarioca José Wilker, este fim de semana todo, sempre às 15h20. A partir desta sexta-feira, a produção entra também na grade da MUBI, que cuidou de exibi-la no 27º Festival do Rio, trazendo o fotógrafo habitual de Iñárritu nos anos 2000, Rodrigo Prieto, para junto do lançamento.



Mubi/Divulgação

‘Amores Brutos’, estrelado por um jovem Gael García Bernal, redefiniu estéticas no cinema latino-americano



Divulgação

Rodrigo Prieto assina a fotografia do longa: ‘Queríamos retratar o nosso tempo a partir de influências artística mexicanas’

“No fim dos anos 1990, o México enfrentava problemas políticos terríveis, numa onda de violência que marcava a nossa geração, o que nos impulsionou a buscar um tipo de cinema na margem oposta dos parâmetros

documentais da América Latina de então. Queríamos retratar o nosso tempo a partir de influências artística mexicanas, de épocas diversas, como a obra do cineasta Arturo Ripstein e o programa de TV do Chaves, que era uma referência de nação”, disse Prieto ao Correio da Manhã numa conversa via Zoom, emocionado ao ouvir que o sorriso do então jovem Gael García Bernal era uma metáfora de esperança num abismo naturalista. “A risada dele era um contraponto ao desastre que vivíamos. E mesmo em meio a conflitos, nós conseguimos que as pessoas se interessassem em ver cães lutando na tela grande. Era mais fácil haver adesão a um filme de guerra violento do que a uma rinha de animais”.

Transformado em realizador depois de lançar “Pedro Páramo” na Netflix em 2024, Prieto se firmou como diretor de fotografia depois de quatro indicações ao Oscar. Concorreu por três longas de Martin Scorsese (“Assassinos da Lua das Flores”, “O Irlandês” e “Silêncio”) e pelo faroeste romântico que rendeu o Leão de Ouro de Veneza a Ang Lee há 20 anos: “O Segredo de Brokeback Mountain”. Sua consagração aos olhos de Hollywood coincide com a fama mundial de Iñárritu (ganhador de dois Oscars de Melhor Realização, por “Birdman” e “O Regresso”) e

de seu roteirista, o escritor Guillermo Arriaga. Em maio, no Festival de Cannes, o cineasta e Gael estiveram na Croisette para celebrar o regresso desse marco hispano-americano em circuito. Os dois trabalharam de novo em “Babel”, que deu ao realizador a láurea de Melhor Direção em solo cannoise em 2006. Prieto esteve com eles também.

“Eu estudei Cinema e trabalhava com Publicidade, já Iñárritu era um profissional do rádio e seu trabalho como locutor era bem conhecido. Um dia, quando eu fazia comerciais, ele trouxe a proposta do ‘Amores Brutos’, que parecia um risco, sobretudo num momento politicamente horrível para o México, com muita violência nas ruas”, disse Prieto.

No fim dos anos 1990, Iñárritu teve US\$ 2,4 milhões para rodar um “filme coral” (termo que designa tramas com vários núcleos narrativos que se tangenciam em alguma unidade temática) pavimentado sobre um desastre rodoviário. É um acidente de carro que rege o enredo de “Amores Perros” (título original). A trama escrita por Arriaga conta três histórias distintas que se entrelaçam na Cidade do México a partir de um acidente de automóvel. Numa, Octavio, que é dono de um cão utilizado em lutas clandestinas, deseja fugir com a cunhada; noutra, Daniel deixa a esposa para viver com uma modelo; na terceira via, o mendigo Chivo quer voltar à família. A colisão (no sentido mais trágico do termo) desses vértices gera uma geometria de dor. “Usei o âmbar entre as cores principais do filme para ressaltar o contraste de figuras como a de Gael, que era viva, mas cheia de sombras”, disse Prieto ao Correio.

A restauração de imagem e som de “Amores Brutos” foi realizada em 2020 pela Criterion Collection, Estudio Mexico Films e Altavista Films. A imagem foi restaurada a partir do negativo original da câmera de 35 mm, que foi digitalizado em resolução 4K de 16 bits. A cor foi supervisionada e aprovada pelo próprio Iñárritu, bem como pelo diretor de fotografia Rodrigo Prieto, na Harbor Picture Company em Santa Monica, Califórnia.

O processo foi realizado na Criterion Collection, em Nova Iorque. A nova mixagem da banda sonora surround 5.1 foi criada na Cinematic Media e na Churubusco a partir dos troncos da trilha sonora arquivados digitalmente e da impressão master usando o Pro Tools da Avid e o iZotope RX.

Novos efeitos sonoros e trabalho de Foley dedicado foram adicionados em detalhes ao longo do filme. A nova banda de som foi supervisionada e aprovada por Iñárritu, bem como pelo editor/designer de som supervisor Martín Hernández, e mixada por Jon Taylor no NBCUniversal StudioPost.

CRÍTICA / LIVROS / VERÃO ARDENTE E UM NINHO DE COBRAS

Montalbano, sempre a conta-gotas

Por Olga de Mello

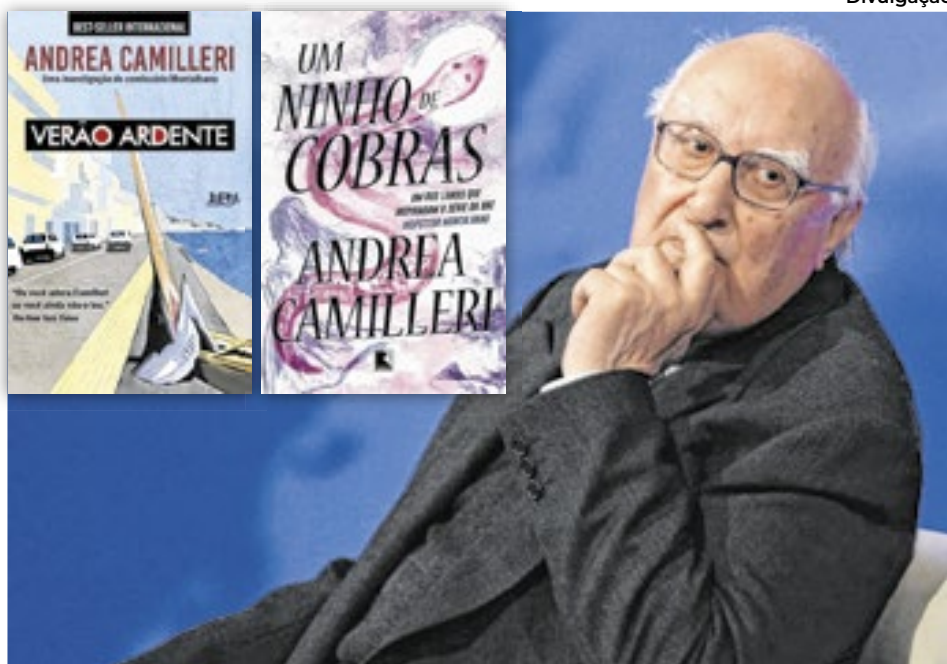
Especial para o Correio da Manhã

“Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante.”
(Clarice Lispector *Felicidade clandestina*)

Uma das melhores definições da relação de livro e leitor é a conclusão do conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, que recorda sua descoberta da leitura, na infância. Toda traça bípede compreende perfeitamente a sensação de entrega à imaginação que, dizem os cientistas, exercita neurônios, ajuda o raciocínio, renova as ideias. A paixão pela leitura só é compreendida pelos viciados, gente malvista por quem inveja ou despreza a capacidade escapista do leitor.

Viciados que aguardam, ansiosos, a nova dose da droga. A conta-gotas chegam os romances inéditos com as aventuras do comissário Montalbano, do italiano Andrea Camilleri (1925-2019). Dos 34 livros da série, entre romances e contos, somente 19 tiveram edições brasileiras: dois em 2024, dois agora, neste segundo semestre de 2025. As editoras Record e L&PM publicam, cada uma, um título diferente no finzinho de cada ano - e bem poderia acelerar esses lançamentos.

Como Camilleri não está mais no planeta, os lançamentos atrasadinhos nem merecem alarde, mas discretas informações das



Divulgação

Andrea Camilleri tem dois de seus títulos lançados por editoras diferentes

editoras, gratas surpresas para os aficionados. “Um ninho de cobras” (Record, R\$ 62) tem mais reviravoltas que telenovela brasileira, porém com a mão firme do autor. Montalbano

e sua equipe se debruçam sobre o misterioso assassinato de um contador, cujo corpo, com um tiro na nuca, é encontrado dentro de sua casa de praia, trancada à chave. Gradualmen-

te descobrem que o morto era um tremendo salafário, agiota, chantagista e detestado pelos próprios filhos. Já em “Verão ardente” (L&PM, R\$ 55), numa casa de praia infestada por baratas e camundongos surge o corpo de uma garota desaparecida há anos.

Jornalista, roteirista e dramaturgo, o siciliano Andrea Camilleri só foi conhecer o sucesso literário quase aos 70 anos, em 1994, quando deu vida a Salvo Montalbano e seus curiosos auxiliares, lotados em Vigata, cidade fictícia bastante semelhante a Porto Empedocle, onde nasceu, hoje ponto turístico para os admiradores do escritor. Montalbano cujo nome homenageia o escritor catalão Juan Vazquez Montalban, é um policial pouco convencional, que não perde uma boa refeição com as iguarias locais, experiente, sem a necessidade de ostentar brilhantismo dos personagens de Agatha Christie ou a brutalidade dos investigadores durões norte-americanos de Raymond Chandler e Dashiell Hammett. Seu suspense humanizado e divertido vendeu mais de 30 milhões de exemplares no mundo inteiro. Irreverente, foi militante comunista e sempre se posicionou contra a Máfia, sem, no entanto, dar protagonismo a seus integrantes nos livros, embora reconhecesse a presença da organização em todos os campos da vida na Itália, preferindo destacar personagens marginalizados, como os imigrantes ilegais, em suas histórias.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA EM 100 FOTOGRAFIAS

Paulo Antonio Paranaguá parte das cabeças olmecas, imensas esculturas em pedra, no estado de Tabasco, no México, datadas de 1.200 anos antes de Cristo para iniciar o relato das civilizações pré-colombianas. Pirâmides maias da Guatemala, as ruínas de Machu Picchu no Peru se juntam a imagens que apresentam a diversidade de povos quase aniquilados pelos europeus desde a chegada do italiano Colombo, passando por movimentos revolucionários até a política xenófoba estadunidense. (Bazar do Tempo, R\$ 170)



Divulgação

CASAS ESTRANHAS 2: O MISTÉRIOS DAS ONZE PLANTAS BAIXAS

Uketsu retoma as investigações do primeiro livro da série criada pelo youtuber e autor de histórias de terror. Desta vez, desvenda os segredos de muitas construções “incomuns” no Japão, reunindo casos com características repetidas - quartos que desaparecem, corredores sem finalidade, entre outras extravagâncias. Ele se junta novamente ao arquiteto Kurihara para analisar os desenhos, diários dos ex-moradores, registros jornalísticos e literários sobre os imóveis apresentados. (Intrínseca, R\$ 50)



Divulgação

ACONTECEU EM COPACABANA - CONTOS ATEMPORAIS

Adriana Sussekind traz saborosas narrativas da vida no mítico bairro carioca. São porteiros, empregadas domésticas que “quase fazem parte da família”, estudantes que vestem o biquíni por baixo do uniforme para ir à praia depois do colégio, funcionárias de salões de beleza, velhinhas que querem acabar com a criminalidade nos morros vizinhos a seus apartamentos. Crônicas ou contos COM o aroma da maresia e o sabor do mate gelado, pronto a ser degustado com biscoito Globo. (Luva, R\$ 54,90)



Divulgação

vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura e a cultura inspira você. Vem viver o Sesc RJ.



VEM SABER +



sescrj.org.br/cultura

 portalsescrj  sescrj  sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

Divulgação



BELISCO

Rodrigo Azevedo/Divulgação



FERRO E FARINHA

BELISCO - No premiado bar de vinhos, em Botafogo, a chef Monique Gabiatti, aposta em receitas criativas servidas em formato de belisco como o prato de queijos e embutidos (R\$ 97), servido com mortadela ovino, presunto magret, pastrami bovino, coppa suína, queijos grana padano, terrine de boursin, brie Serra das Antas, e carpaccio de melão, acompanhado de pão sourdough. Rua Arnaldo Quintela, 93 – Botafogo- Tel: (21) 99309-6196

FERRO E FARINHA - Na premiada pizzeria do chef Sei Shiroma a mortadela é um dos ingredientes da pizza Testa Ros-

A volta triunfal da mortadela

De entradas a pratos de chef: o embutido conquista espaço nas mesas cariocas

Por **Natasha Sobrinho** (@restaurants_to-love) Especial para o Correio da Manhã

Por muito tempo, a mortadela foi vista apenas como um recheio simples, barato e popular. Mas o cenário gastronômico carioca vem dando um novo sabor a essa história. Restaurantes, bares e pizzarias da cidade redescobriram o embutido e estão apostando em versões artesanais, cortes finos e combinações criativas que realçam seu sabor marcante. Seja em tábuas de frios, pizzas, petiscos e até prato principal, a mortadela está provando que pode ser tão sofisticada quanto qualquer outro ingrediente nobre. E não poderia haver momento melhor para celebrar essa redescoberta: no dia 24 de outubro (hoje) é comemorado o Dia da Mortadela, uma data perfeita para se deliciar com o embutido que conquistou o paladar dos cariocas. Confira abaixo nossa seleção para você:

Divulgação



GONZA

sa (R\$ 82). Ela leva fior di latte artesanal, tomates-cereja assados, mortadela al pistacchio (tradicional da região de Bologna), stracciatella e pesto de pistache. Rua Olegário Maciel, nº 555 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 98022-2790.

GONZA - No restaurante, recém-aberto, do chef argentino Gonzalo Vidal, no Horto, a mortadela aparece no prato principal: a Milanesa do Gonza (R\$ 98). Ele é feito com filé mignon empanado, molho de tomate, muçarela e fatias de mortadela por cima e acompanhada fritas. Rua Pacheco Leão 868 – Horto. Informações: @gonza.restaurante.

Nubra Fasari/Divulgação



SPESSO

JOTABÊ PIZZERIA - A pizza Oro Verde (R\$ 92), servida na casa, é feita com massa de 48h de fermentação natural, molho pesto de manjerição, muçarela fior di latte e finalizada com mortadela speciale, stracciatella, creme de pistache, pistache e manjerição. Av. Alexandre Ferreira, 196, Jardim Botânico. Informações: @jotabe.pizzeria.

OGGI - A pizzeria napoletana está com novidades no cardápio. Nas entradas, o destaque vai para o Sorriso di Mortadella (R\$ 50), uma releitura do tradicional sanduíche italiano, feito na massa de pizza de longa fermentação, com pesto de pistache, mortadela

Tomás Vélez/Divulgação



OGGI

Divulgação



JOTABÊ PIZZERIA

italiana, stracciatella e raspas de laranja. Rua Aristides Espinola, 101 – Leblon. Tel: (21) 3489-9169.

SPESSO - A casa acaba de anunciar o lançamento do Aperitivo, um menu especial que celebra a tradição italiana do happy hour e marca uma parceria inédita com o chef Pedro Attayde, reconhecido no cenário gastronômico pela expertise em charcutaria artesanal. Entre os destaques do cardápio estão a Focaccina alla Mortadella (R\$ 18,90), com stracciatella, mortadela e pesto e pistache na focaccia. Praia de Botafogo, 228 – Edifício Argentina. Informações: @spesso.rio.

Cerrado bem animado

Série de desenho brasileiro aborda infância, natureza e imaginação

Por Mayariane Castro

A animação *O Mundo de Lírio*, produção de Brasília, convida crianças e famílias a redescobrirem as árvores, com foco especial nas espécies do Cerrado. A estreia nacional está marcada para 2026, porém a pré-exibição de alguns episódios da primeira temporada integrou o cenário de Brasília junto a outras alternativas que valorizam o Cerrado, com plantio de mudas e uma oficina de desenho conduzida por Renato Moll, um dos criadores da série.

Produzida em regime de coprodução entre Brasil e Chile pelos estúdios Akwa Creative Lab e GVG Producciones, a série marca o primeiro trabalho de direção da produtora Amanda Fernandes. O projeto conta com patrocínio do

Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal, da Lei de Incentivo à Cultura, da Neoenergia Brasília, do Instituto Neoenergia e da Secretaria de Estado de Economia Criativa do Distrito Federal.

A série está dividida em duas temporadas: a primeira com 26 episódios, a segunda com oito, cada episódio com duração de sete minutos.

Aventuras de Lírio

A narrativa acompanha Lírio, um menino negro de cinco anos, filho de mãe solo, que vive situações da infância e, em suas aventuras, se transforma em diferentes árvores para aprender a partir da natureza novas formas de existir. Em cada transformação, Lírio canta, dança e descobre que crescer é um ciclo, assim como a vida das árvores.

Buriti, lobeira, baru, jacarandá...

Em seu aprendizado, Lírio transforma-se em árvores

Entre as espécies homenageadas estão árvores nativas do Cerrado: buriti, lobeira, jenipapo, cajuzinho do Cerrado, baru, paineira, jacarandá e faveleira. A série converte desafios cotidianos da infância em aprendizados ecológicos e emocionais. No episódio “Buriti, a hora do banho”, por exemplo, Lírio aprende com a palmeira que a água é fonte de alegria e renovação. Em “Lobeira, ah que sono”, ele vê que até as árvores descansam sob o luar.

Em “Pai Jenipapo, me acalma”, a saudade se torna cor. Em “Paineira, as cores da natureza”, as flores ensinam o orgulho de ser diferente. Episódios como “Cajuzinho do Cerrado, beijo travoso” e “Baru, hum, que raízes molhadinhas” tratam do prazer de experimentar o novo e da importância de ouvir o próprio corpo. Em “Jacarandá, em boa companhia”, Lírio entende que liberdade pode coexistir com companhia, e em “Faveleira, pa-



Questões da infância abordadas na integração com a natureza



Thaís Mallon

O Cerrado é a base dos episódios da série animada

rabéns para você”, o tempo e o florescer são celebrados.

Amanda Fernandes é diretora, showrunner (principal produtora executiva) da série. Esse trabalho de produção é compartilhado com Julian Rosenblatt e Cadu Zimmermann. A direção de arte é assinada pelos artistas Renato Moll e William Jungmann, enquan-

to a animação foi realizada pelo Aloptra Studio. As vozes originais têm como intérpretes Débora Valente, Nambir, Aline Marcimiano e Kika de Moraes. O roteiro é de Jama Wapichana, Juliana Mendes e Renata Diniz. A música original é assinada por Débora Valente, Leandro Morais, Rafael Maklon e Sascha Kratzer.

Além da tela

O universo da série se estende além das telas: estão previstos dois álbuns musicais, um com canções de ninar para crianças de zero a quatro anos, outro com músicas da série para o público de quatro a sete anos, e o lançamento de três novos episódios no YouTube em breve. A obra foi exibida no festival *Animage*, em Pernambuco, o maior festival de animação do Brasil. Em 2026, a produção representará o Brasil no *Monstra – Festival de Animação de Lisboa* (março) – e no *Festival de Animação de Abidjan*, na Costa do Marfim (abril).

Amanda Fernandes atua há mais de uma década no audiovisual e assina a produção executiva de obras como *Cidade Invisível*, *Invasão Espacial*, *Escola sem Sentido*, *Algoritmo*, *Manual da Pós-Verdade* e *Da Porta Pra Fora*, exibidas e premiadas em diferentes plataformas. O processo durou três anos (2023-2025) e envolveu roteiros bilíngues (português e espanhol).

FESTIVAL

Festival VOA

✱O VOA Festival retorna a Brasília entre 24 e 26 de outubro, com 27 atrações nos palcos VOA e Xequê Mate, reunindo música local, nacional e internacional. A programação inclui shows de Marina Lima, The Wailers e Céu, além de DJs e bandas locais. O evento oferece feira de economia criativa, vila gastronômica e ações sustentáveis com a campanha Voa Consciente. Ingressos à venda no Shotgun, com meia-entrada social mediante doação de alimentos ou agasalhos, reforçando inclusão e compromisso ambiental do festival.

Festival Adorei as Almas

✱O Festival Adorei as Almas – Feijoada da Vovó Maria Conga chega à 18ª edição em Planaltina-DF, com foco na valorização da cultura afro-brasileira e saberes tradicionais. O evento oferece oficinas de benzimento, produção de garrafadas e construção de berimbau, capoeira e rítmicas, com vagas para PcD e público LGBTQIA+, incluindo tradução em Libras e audiodescrição. As atividades seguem até novembro e serão encerradas com a tradicional feijoada no Terreiro da Vovó Maria Conga, fortalecendo ancestralidade, inclusão e aprendizado comunitário.

TEATRO

Djavan O Musical: Vidas pra contar

✱O espetáculo “Djavan – O Musical: Vidas pra contar”, que homenageia o cantor alagoano, terá curta temporada em Brasília nos dias 31 de outubro, 1 e 2 de novembro, no Teatro UNIP, após sucesso no Rio e São Paulo. Idealizado por Gustavo Nunes e dirigido por João Fonseca, o musical percorre a vida do artista, da infância à consagração, com repertório de clássicos e faixas menos conhecidas. Raphael Elias interpreta Djavan, acompanhado por elenco que dá vida à família e grandes nomes da música. A montagem combina música, teatro e dança, com cenografia, figurinos e coreografia inspirados na estética do artista. Ingressos a partir de R\$ 21.

Chiquinha Gonzaga em cena

✱O espetáculo “Chiquinha Gonzaga Entre Tempos – Um Encontro Musical” estreia nos dias 24 e 25/10 na Sala Martins Pena, Teatro Nacional, em Brasília. Criado por Marlene Souza Lima, com roteiro



Céu no VOA Festival 2025 agita o fim de semana de Brasília

Um DF de opções de lazer

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



“Djavan – O Musical: Vidas pra contar”

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

de Sérgio Maggio, reúne jazz, samba e funk, com instrumentistas mulheres e atores que interpretam Chiquinha e Palhares Ribeiro. Entrada gratuita.

Espetáculo Le Porpusa

✱O Nutra Teatro celebra 19 anos com o espetáculo Le Porpusa, apresentado em escolas públicas do DF até 23/10. Dirigido por Ricardo Puccetti, o trabalho explora palhaçaria, humor e improviso. A temporada integra o projeto Manutenção de Grupos, do FAC-DF, com entrada gratuita.

Na trilha do teatro

✱O projeto Na Trilha do Teatro leva humor, música e brincadeira a seis escolas do DF até 7/11, com mediação teatral, o espetáculo “Seu Cocó e as Caixas-sur-



show gratuito de Ellen Oléria e estreia de doc
Carolina Curi/Agência CLDF



Exposição Fotográfica e Lançamento de Livro
Divulgação



Espectáculo Le Porpusa

Divulgação Pryscilla



Oficinas gratuitas

Divulgação



Eduardo Rangel & Convidados no Clube do Choro

Divulgação

à Praça do Cidadão, em Ceilândia, de 21/10 a 19/11, com entrada gratuita. Espaço sensorial reúne som, corpo e imaginação, com brinquedos interativos que transformam movimento em música. Destaques: os Realejos Diversom, acessíveis a cadeirantes, com sons metálicos, amadeirados e amplificados. Atração inclui tour tátil, Libras e ações para alunos PCD, reforçando inclusão e convivência familiar.

Oficinas gratuitas

✱O Centro de Artes de Brasília celebra mais de 40 anos promovendo cultura e inclusão por meio do projeto Sustentarte. Com sete oficinas de formação artística — pintura, desenho, arteterapia, cerâmica, mosaico, xilogravura e música —, o espaço atende 70 jovens e adultos, estimulando criatividade, autoestima e expressão. A programação se encerra com exposição coletiva, apresentação musical e lançamento de catálogo. Vagas gratuitas em xilogravura e arte-terapia seguem abertas, com materiais fornecidos pelo Centro.

EXPOSIÇÃO

Exposição Marias

✱Com fotografias impactantes e relatos de superação, foi inaugurada na última semana a exposição “Marias”, da jornalista e fotógrafa Ísis Dantas, no foyer do plenário da Câmara Legislativa do DF. A mostra segue aberta até 14/11 e dá voz a dez mulheres que romperam o ciclo da violência doméstica, transformando suas histórias em instrumentos de conscientização e empoderamento. A abertura contou com depoimentos emocionantes, apresentação musical e lançamento do livro homônimo.

Tessituras sobre o Chão

✱O artista Robson Castro apresenta a exposição individual “Tessituras sobre o Chão”, que propõe uma imersão poética e crítica nas camadas de pertencimento e identidade do Brasil, de Brasília e de sua trajetória. A mostra, composta por fotoperformances e videoperformances, funde o corpo do artista à terra do Cerrado, resgatando memórias de candangos, povos indígenas e comunidades kalungas. A experiência convida o público a refletir sobre ancestralidade, história e resistência, com acessibilidade garantida por audiodescrição, braile e visitas orientadas.

presa” e laboratório de musicalização infantil. A iniciativa, do FAC-DF, oferece LIBRAS, audiodescrição e material pedagógico acessível.

SHOW

Eduardo Rangel & Convidados

✱O cantor e compositor Eduardo Rangel se apresenta em 23/10, às 20h30, no Clube do Choro de Brasília, ao lado da banda Os Comparsas e outros músicos. No repertório, clássicos de Rangel, homenagens a Guinga, Chico Buarque e canções inéditas.

Sarau em São Sebastião

✱O Sarau Orgulho em Verso acontece em São Sebastião neste sábado (25/10), a partir das 14h, no Vanguarda Shows

e Eventos. Com entrada gratuita, a programação inclui música, dança, poesia e performances de drag queens.

Ellen Oléria

✱O projeto Só Taguá Tem encerra sua primeira edição em Taguatinga no dia 31/10, no CEMTN, com entrada gratuita. A programação inclui intervenção artística, estreia do documentário homônimo, homenagem a 25 patri-mônios vivos da cidade, pocket show de Ellen Oléria com Visage MC e comidinhas típicas da região.

PROJETO

Coletivo com brinquedos

✱Depois de temporada no Parque Ana Lúcia, o Parque Diversom chega

Um senhor coral

Grupo criado em 2019 pelo maestro André Vidal, o coro Signori retorna aos palcos

Por Mayariane Castro

O coro brasileiro Signori realiza um novo concerto em Brasília com um repertório que reúne composições eruditas e populares. A apresentação marca mais uma etapa da trajetória do grupo, criado em 2019 pelo maestro André Vidal, e reflete o trabalho desenvolvido desde a retomada de suas atividades após o período

de interrupção provocado pela pandemia de covid-19.

O Signori surgiu na Escola de Música de Brasília e estreou no mesmo ano no Festival Internacional de Coros de Goiânia. Com o avanço da pandemia em 2020, o conjunto suspendeu seus ensaios e apresentações, retornando apenas em 2022, quando iniciou a preparação para o primeiro concerto oficial.

Esse concerto, intitulado



Grupo une repertório musical popular e erudito

“O Bem do Mar”, foi inteiramente dedicado às canções de Dorival Caymmi e apresentado em 2024 no Espaço Cultural Alexandre Innecco e na Sala Professora Neusa França, ligada à Secretaria de Educação do Distrito Federal. A montagem

marcou a retomada pública do grupo e consolidou a proposta de explorar repertórios variados, transitando entre gêneros e períodos musicais distintos.

Beethoven a Caetano

No novo programa, o Sig-

nori mantém essa linha de diversidade.

O repertório inclui, por exemplo, obras do compositor alemão Richard Strauss e um excerto do oratório “Cristo no Monte das Oliveiras”, de Ludwig van Beethoven.

Cajuína e o Pai Nosso em suaíli

Diversidade musical é uma das marcas do grupo vocal masculino

A peça de Beethoven já havia sido interpretada pelo grupo em sua participação no concerto de Páscoa do Madrigal de Brasília, realizado em abril deste ano. O conjunto volta agora a apresentá-la em nova versão, dentro de um programa que também contempla canções brasileiras que fazem referência a paisagens e elementos naturais do país.

Entre as composições escolhidas está “Baba Yetu”, versão em suaíli (língua falada na cos-

ta oriental e em ilhas da África) da oração do Pai Nosso. A obra havia sido executada anteriormente pelo grupo no 16º Festival de Música Sacra, realizado em junho. O retorno da peça ao programa atual reforça o interesse do coro por repertórios de diferentes tradições musicais e linguísticas.

O concerto também apresenta interpretações de canções populares que se somam às peças eruditas. Entre elas, estão músi-



ABBA, Caetano, Beethoven: vários gêneros musicais

cas do grupo sueco ABBA e da cantora norte-americana Cyndi Lauper. As versões foram adaptadas para coro e inseridas no espetáculo como parte da proposta de ampliar o alcance do repertório e dialogar com diferentes públicos.

Além das peças vocais, o grupo incluirá uma execução instrumental. Trata-se de “Cajuína”, composição de Caetano

Veloso arranjada especialmente para esta apresentação. A interpretação será realizada pelos instrumentistas do próprio Signori, que acompanham o coro em diversas partes do espetáculo.

O concerto atual também traz uma prévia de projetos que o grupo pretende desenvolver nos próximos anos. Entre eles está um tributo aos grupos vocais brasileiros, previsto para

2026, que reunirá arranjos de conjuntos históricos e contemporâneos. O programa contará ainda com uma seção voltada às festividades de fim de ano, com repertório temático para o período natalino.

O Signori atua como um coro independente. Sua manutenção depende da colaboração de apoiadores e de ações de financiamento coletivo, voltadas a viabilizar ensaios, apresentações e novas produções. A independência artística e a estrutura colaborativa têm permitido ao grupo organizar seus próprios concertos e desenvolver projetos de formação e difusão musical.

Segundo o maestro André Vidal, o coro tem buscado ampliar o diálogo com o público brasileiro e fortalecer a cena vocal da cidade. Desde o retorno às atividades, o conjunto tem se apresentado em espaços culturais e eventos locais, colaborando com outros coros.

VOA Festival
2025 agita o
fim de semana
com CÉU



PÁGINAS 8 E 9

Animação
brasiliense
"O Mundo de
Lírio"



PÁGINA 15

Coro Signori
apresenta
concerto
variado no DF



PÁGINA 16



À ribalta o que é do povo

No auge da consagração mundial de 'O Agente Secreto', Wagner Moura leva uma versão de clássico de Henrik Ibsen aos palcos, sob a direção de Christiane Jatahy

Por **RODRIGO FONSECA**
Especial para o Correio da Manhã

Sete horas em ponto desta noite, Wagner Moura estará no palco do Teatro II do CCBB-RJ, batendo cabeça para o norueguês Henrik Ibsen (1828–1906), numa revisão livre de seu legado dramático, batizada de "Um Julgamento". A dramaturgia é assinada pelo astro de "Narcos" ao lado da encenadora Christiane Jatahy e do roteirista Lucas Paraizo.

Muitas pautas políticas que esse baiano egresso da cidade de Rodelas depura no cinema e no streaming estarão a seu lado em cena. Dias antes de ganhar o prêmio de Melhor Ator no 78º Festival de Cannes, por seu desempenho em "O Agente Secreto", Wagner falou ao Correio da Manhã sobre a essência democrática por trás do uso da palavra "povo" na arte, uma palavra essencial ao pensamento ibseniano. "A partir do pós-guerra, a representação realista da classe trabalhadora ganhou contornos anticapitalistas, do neorealismo italiano a Mike Leigh, associada ao fato de que instituições públicas que deveriam ser um espaço de saber acessíveis a todos são atacadas por pensarem a condição dos pobres, sobretudo nos governos de ultradireita", explicou o astro na ocasião. Essas ideias se afinam um bocado com as de seu personagem, o médico e cientista Thomas Stockmann, na peça que marca o retorno do ator aos palcos após 16 anos. Continua na página seguinte



Caio Lírio/Divulgação

Liberdade e resistência

Conheça o R.U.A. Crew: coletivo de hardcore punk atuante em Volta Redonda e região

Por Lanna Silveira

O cenário underground da região Sul Fluminense vem trazendo cada vez mais destaque às manifestações de contracultura, que oferecem um espaço de resistência para grupos que se sentem marginalizados socialmente. Uma das festas que têm despontado nos últimos anos é o R.U.A. Crew: coletivo de hardcore punk, formado em 2023, que também agrega vertentes da subcultura e atua como um evento musical, com apresentações de uma variedade de bandas do nicho.

O coletivo surgiu em meio a normalização da vida social no período pós pandêmico, em que cidades como Volta Redonda e Barra Mansa ainda estavam voltando lentamente a promover festas e eventos públicos. “Quando começamos, a cena [hardcore punk] estava praticamente morta aqui na cidade. [Após a pandemia], muita gente que fazia eventos tinha se mudado, mudado de estilo de



Bruni Romão

O evento é realizado em cidades da região desde 2023

vida ou simplesmente desanimado”, explica Maraya. A formação atual do coletivo conta com Bruni, Maraya e Iago, que se envolvem com eventos relacionados à cena desde a adolescência.

O evento surge com o objetivo de assegurar a visibilidade

e resistência da cena hardcore punk no contexto interiorano, garantindo a liberdade de expressão dos ideais do grupo; essa ideologia passa pela valorização da independência, respeito a todas as formas de existência e falta de conformismo a tudo que é imposto pelo status quo e

invalida direitos individuais. Isso pode ser observado em cada edição do R.U.A.: tanto pela crueza das apresentações das bandas, quanto na envolvimento da plateia, que se envolvem com aquele som por meio da dança e dos mosh pits. Outra proposta forte do R.U.A. é atrair o público jovem

para a cena, ajudando a “formar” pessoas dentro da ideologia do hardcore punk e promover um acolhimento maior dessa demografia no movimento.

Bruni acrescenta que o R.U.A. também surge para oferecer um ambiente seguro para todas as minorias sociais – como mulheres e as comunidades LGBTQIA+ e negra –, tanto na plateia quanto como atrações da festa. Bruni explica que, em épocas anteriores, ele percebia o hardcore punk como “uma cena de homens heteros para homens heteros”. Como uma mulher nesse cenário, Maraya acredita que, apesar da presença feminina na cena ter aumentado nos últimos anos, ainda existe uma resistência do público geral ao punk feminino, relatando que, em edições do próprio R.U.A. que priorizam bandas com integrantes mulheres, o evento tende a vender menos ingressos. Por isso, o coletivo acredita ser necessário incentivar que todas as minorias imponham suas presenças nesses espaços.

Novos horizontes na cena

O coletivo se mantém de forma completamente independente, contando apenas com a colaboração dos três integrantes para lidar com o planejamento de cada edição: articulação de cada banda que será convidada e poderá comparecer; cuidados com os equipamentos de som; agendamento de locais e datas; e fotografia. Os organizadores também costumam hospedar, em suas próprias casas, pessoas de outras cidades, que querem comparecer ao R.U.A., assim como bandas intermunicipais

e até mesmo internacionais.

O planejamento de cada line-up sempre visa manter uma coesão sonora entre as bandas, para que uma não se destaque menos em relação a outras; ao mesmo tempo, dentro dessa uniformidade, é contemplada uma variedade de vertentes relacionadas a cena punk, para agradar diferentes gostos do público.

Na visão do coletivo, a consolidação do R.U.A. Crew em Volta Redonda trouxe muitas consequências positivas: tanto para a renovação da cena da re-

gião, com o surgimento de novas bandas e coletivos, quanto na realização pessoal de cada um dos organizadores. Maraya e Bruni formaram suas próprias bandas, Minissaia e Ogná, e sentem que conseguem fazer a diferença em seus respectivos nichos e propósitos. Um sentimento comum entre todos do coletivo é a realização em sentir uma conexão pessoal maior com a cena e que, hoje, acreditam muito mais em si mesmos e que são capazes de alcançar grandes objetivos por meio do próprio esforço e talento.



Divulgação

Bruni, Maraya e Iago: organizadores do R.U.A. Crew

Um dia das bruxas no submundo

Edição de halloween do R.U.A. Crew acontece no fim de semana em Volta Redonda

Para celebrar o Halloween sul fluminsense, o R.U.A. Crew promove sua edição clássica da data, “Contos do R.U.A.”, neste domingo (26), a partir das 18h, no Auê Clube, em Volta Redonda.

A line-up do evento contará com artistas regionais e de projeção nacional no nicho. Em virtude da festa temática, o público pode se sentir livre para soltar toda a sua criatividade na escolha



Bruni Romão

Festa temática acontece no Auê Clube

de fantasias para compor o look.

O line-up da noite contará com os grupos: Minissaia, banda da região Sul Fluminense formada exclusivamente por mulheres, que exploram a força e independência feminina em suas letras e tem como referências bandas como Hole, Kittie e Babes In Toyland; Snip Rek, banda voltarredondense que explora os estilos do nu metal e hardcore em sua sonoridade, investindo em ritmos grooveados e breakdown, trazendo influências de bandas como Snot, Limp Bizkit e Korn; e MC Taya, banda do Rio de Janeiro que traz uma proposta inovadora ao mesclar influências estéticas do nu metal às do funk e hip hop brasileiros: sonoridade

cunhada pela vocalista do grupo como “FOCK” (funk com rock), que faz parte do movimento “metal mandrake”.

As letras da banda tratam temas como o empoderamento feminino e negro, além de críticas sociais.

Entre os intervalos dos shows, a festa também terá discotecagem do DJ Dirty Death, que é residente do R.U.A. Crew, trazendo um set inspirado no clima sombrio do dia das bruxas com sons de post punk, darkwave, synthwave, nu metal, techno, hardcore, breakbeat e estilos afins. O evento também trará uma atração surpresa, que será revelada no dia da festa.

A venda dos ingressos está disponível de forma antecipada na plataforma Sympla.

ROTEIRO CULTURAL

POR LANNA SILVEIRA

Reprodução - Gacemss



Teatro infantil

O 4º Festival de teatro Ribalta, realizado em Volta Redonda, apresenta duas peças no Gacemms 2 no fim de semana: “Um Hotel Quase 5 Estrelas” e “O Conselho Vilão”, às 19h30 e 20h, respectivamente. Enquanto a primeira peça conta as desventuras ocorridas entre hóspedes e funcionários de um hotel, a segunda encena conflitos ocorridos em uma conferência de grandes vilões. Os links para os ingressos estão disponíveis no perfil @teatrogacemss.

Reprodução - A Fresta



Exploração da arte

A Livraria Beleléu, localizada em Volta Redonda, receberá mais uma edição do evento “A Fresta” neste sábado (25), das 15h às 22h. O evento gratuito oferecerá uma programação extensa com exposição de artes, feira de livros, oficina de escrita, microfone aberto, performances, bate-papo e discotecagem. Todos os artistas presentes são da região e fazem parte de iniciativas culturais locais.

Reprodução - Redes sociais



Show de luzes

O Teatro Gacemss, em Volta Redonda, vai receber o Starlight Concert no dia 25 de outubro, em duas sessões realizadas às 18h e 20h. O espetáculo oferecerá um concerto de música clássica, tocado por um quarteto formado por músicos das mais renomadas orquestras de São Paulo, em uma experiência sensorial e imersiva, promovida pela iluminação em abundância de velas no local. Os ingressos estão disponíveis pelo site Ingresso Digital.

Divulgação PMBP



Rock na praça

A Praça de Ipiabas, em Barra do Piraí, recebe o evento “Rock na Estrada” neste sábado (25), às 20h. O show principal da noite será da banda IRA!, que apresenta o repertório da turnê “IRA! Acústico 20 Anos”, trazendo os maiores clássicos do grupo. A abertura do evento contará, ainda, com apresentações do cantor Rafael Redgrave e a banda instrumental do projeto #MúsicaNaEscola. A entrada do evento é gratuita.

Conheça 'R.U.A. Crew': evento hardcore punk da região

PÁGINAS 15 E 16



Barra do Pirai recebe 'Rock na Estrada' em Ipiabas

PÁGINA 16



Confira as atrações deste fim de semana na região

PÁGINA 16



FIM DE SEMANA

A ribalta o que é do povo

No auge da consagração mundial de 'O Agente Secreto', Wagner Moura leva uma versão de clássico de Henrik Ibsen aos palcos, sob a direção de Christiane Jatahy

Por **RODRIGO FONSECA**
Especial para o Correio da Manhã

Sete horas em ponto desta noite, Wagner Moura estará no palco do Teatro II do CCBB-RJ, batendo cabeça para o norueguês Henrik Ibsen (1828–1906), numa revisão livre de seu legado dramático, batizada de “Um Julgamento”. A dramaturgia é assinada pelo astro de “Narcos” ao lado da encenadora Christiane Jatahy e do roteirista Lucas Paraizo.

Muitas pautas políticas que esse baiano egresso da cidade de Rodelas depura no cinema e no streaming estarão a seu lado em cena. Dias antes de ganhar o prêmio de Melhor Ator no 78º Festival de Cannes, por seu desempenho em “O Agente Secreto”, Wagner falou ao Correio da Manhã sobre a essência democrática por trás do uso da palavra “povo” na arte, uma palavra essencial ao pensamento ibseniano. “A partir do pós-guerra, a representação realista da classe trabalhadora ganhou contornos anticapitalistas, do neorealismo italiano a Mike Leigh, associada ao fato de que instituições públicas que deveriam ser um espaço de saber acessíveis a todos são atacadas por pensarem a condição dos pobres, sobretudo nos governos de ultradireita”, explicou o astro na ocasião. Essas ideias se afinam um bocado com as de seu personagem, o médico e cientista Thomas Stockmann, na peça que marca o retorno do ator aos palcos após 16 anos. Continua na página seguinte

